

## Encontros de um professor-artista: modos de constituir-se para a docência

**Marcelo Forte**

*Universidade de Coimbra*

Este texto apresenta, como um recorte de minha investigação de doutoramento no curso de Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra, algumas situações vivenciadas desde o início desse percurso, a fim de trazer à discussão o conceito de encontro como uma das potências na formação de professores de Artes Visuais.

Desde muito tempo venho pensando sobre os processos que nos constituem docentes, dos vivenciados em contexto formal, aos não-formais e informais. E por diversas vezes percebi que tanto os grandes acontecimentos quanto os ínfimos possuem potencialidades para desdobramentos em nossa formação, em nossos modos de ver o mundo, de vermos a nós mesmos e de nos produzirmos professores(as).

Se a formação docente for capaz de expandir-se em outras direções menos racionais e prescritivas, talvez consigamos enfrentar de modo mais afirmativo a aridez que reveste muitas das práticas escolares cotidianas, dando abertura para tornar escolas e aulas em férteis “espaços de experimentação”. (Loponte, 2017, p. 448)

Ao lançar-me em uma investigação autoetnográfica, passei a prestar atenção em tudo o que faço e de que maneira faço em diferentes contextos. Como ainda estou a desenvolver a pesquisa, tenho apenas algumas percepções prévias, mas que giram em torno dos diversos encontros que tive desde que saí de meu país de origem, o Brasil, e cheguei aqui em Portugal.

Relato nesta escrita alguns desses encontros que poderiam não ter acontecido ou que eu poderia não ter dado importância. Mas aconteceram e na medida que foram acontecendo, todos os desdobramentos seguintes foram marcados por eles, estabelecendo-se assim redes de conexões que constituíram essa jornada e trouxeram-me ao lugar onde estou hoje.

### Lançar-se aos abraços

Em 2014 iniciei uma série de desenhos a partir de manchas de café, intitulada “Abraço”. A proposta era de buscar entre as manchas possibilidades de abraços entre seres que incorporavam características humanas, vegetais e também de outros animais. Esses desenhos sempre provocam meu olhar e sinto que a potência das vidas dos seres que os habitam e os afetos explícitos nas expressões desses seres são capazes de tocar nos sentimentos dos outros.

Assim, em 2016 decidi levar algumas dessas imagens para as ruas, para conectarem-se às paisagens urbanas e às pessoas que por eles passassem. Embarquei em um evento chamado Paratissima, que aconteceu em Lisboa. Originalmente nascido na Itália, A Paratissima é uma ação que abre espaço para diversos artistas mostrarem suas produções em espaços urbanos, previamente selecionados e autorizados à ocupação. A primeira edição realizada em Lisboa aconteceu entre 20 e 24 de julho de 2016 na Junta de Freguesia de Santa Maria Maior.

Meu projeto de intervenção era um lambe-lambe de 8 cartazes em um muro. Quatro desses cartazes eram de desenhos da série “Abraço” e os outros quatro eram com a frase “Abraça a primeira pessoa que vir nesta rua”. Com essa ideia, tentei não só chamar atenção para meu desenho e deixar que as pessoas interagissem com eles conforme quisessem, mas também provocar um desconforto, um desejo e quem sabe uma reflexão sobre como andamos desconectados dos outros que passam por nós, e que as vezes um simples abraço pode transformar um dia, um sentimento, uma relação.



Figura 1: Desenho da série "Abraço"  
Arquivo pessoal do pesquisador

Embora eu quisesse que as pessoas aceitassem o desafio imposto nos cartazes, sabia que isso não seria algo facilmente realizável, mas somente a possibilidade de fazê-las pensar a respeito e de perceberem o espaço ao redor, as pessoas ao redor e também o meu desenho, já me alegrava e me satisfazia enquanto artista e provocador.

A série Abraço também me fez pensar muito sobre meus modos de estar no mundo, minhas necessidades de abraços, tanto daqueles que damos em pessoas queridas quanto daqueles que não são necessariamente físicos e que são também importantes para nutrirem nossas vidas.



Figura 2: Lambe-lambe "Abraço de rua"  
Arquivo pessoal do pesquisador

É a partir de Deleuze que permito-me falar de abraço como um modo de abarcar, encontrar, coletar e contaminar, pois como ele diz em Diálogos (1998, p. 26) com Parnet: "Nós nos servimos de termos desterritorializados, ou seja, arrancados de seu domínio, para reterritorializá-los em outra nação". Abraçar é, portanto, um modo de dizer que estou indo ao encontro de diversas situações ordinárias e extraordinárias, em espaços formais, não formais e informais, envolvendo arte e docência com outras vivências e experiências.

Assim, cada abraço, cada encontro é uma possibilidade de atravessamento, de contaminação, de enriquecimento de vida, de acrescentar aos nossos modos de ser outras paisagens, outros instantes, outros desdobramentos. Por isso, decidi lançar-me ao máximo de abraços possíveis, dos previstos e dos imprevistos, sugerindo e recebendo sem receio do inesperado. "Ter um saco onde coloco tudo o que encontro, com a condição que me coloquem também em um saco. Achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar." (Deleuze & Parnet, 1998, p.16)

Sair do Brasil para estudar em Portugal foi um grande abraço e é a partir desse encontro com um mundo novo que pretendo reservar esse espaço de escrita. Quero debruçar-me sobre situações vivenciadas aqui, em solo português, durante o período de doutoramento em Estudos Contemporâneos na Universidade de Coimbra. O motivo desse recorte está especialmente relacionado com minha investigação, pois nela venho buscando compreender como meus modos de ser professor vão se desenvolvendo a partir desses encontros.

Convivemos diariamente com pessoas, situações e espaços que podem passar despercebidos e que podem não ter um grande efeito no instante em que interagem conosco. Mas tenho prestado atenção a diferentes eventos que acontecem em minha vida e percebido que por mais insignificante que pareça ser, uma ação pode ser um disparo para diversas outras, um encontro com uma pessoa pode ser o início de uma rede de contatos, um lugar visitado pode ser inspirador para diversas práticas, um momento pode ser um dispositivo de desejo para outros momentos.

Todo encontro ordinário, portanto, está exposto à possibilidade de uma reviravolta instantânea que pode projetar tudo para fora dos eixos. É como se a própria vida se sentisse abalada por esse vinco em que uma experiência ordinária é dobrada junto à outra, a extraordinária. (Orlandi, 2014, p. 3)

Assim vou constituindo-me professor-artista, designação que desde há muito tempo decidi tomá-la para mim. Sinto-me conectado com a docência e com as artes visuais e faço questão de não me desassociar de nenhuma delas em nenhum momento. E essa constituição tem sido desenvolvida como um processo sem fim, como uma constante de alguém que se permite viver entre os campos das artes e da docência, promovendo desterritorializações e reterritorializações, sempre em movimentação.

E essa movimentação que constitui meus modos de ser professor-artista têm se desdobrado a partir dos diferentes encontros vivenciados aqui em Portugal. Ou seja, o professor-artista que sou hoje, que é diferente daquele que vivia e atuava no Brasil e que provavelmente será diferente daqui dois ou dez anos, é o que é por conta daquilo que vivencia, que experimenta e deixa-se contaminar.

O que me fez ser o professor-artista de hoje começou com uma necessidade de alguém literalmente estrangeiro buscando encontrar um espaço de pertencimento, lugares onde a arte e a docência pudessem estar conjugadas, atravessadas. Os caminhos para isso nem sempre foram os mais óbvios e objetivos. Tive de passar por diversas situações para chegar nos pontos que me interessavam, por isso os considero todos importantes, afinal foram caminhos e redes que se formaram para levar-me a determinado lugar.

. Alguns encontros

Embora seja professor, não estou atualmente trabalhando em sala de aula de escolas ou universidades. Mas ser professor é também ser provocador, propositivo e desafiador e essas características seguem andando comigo. E por passar muito tempo sozinho, comecei a provocar a mim mesmo, a propor atividades que pudessem colocar-me nos espaços da docência, ou pelo menos em contato com outras pessoas em desafios diversos em torno das artes visuais.

Foi assim que inicialmente pensei em desenvolver em algum espaço aqui de Coimbra ou de outra cidade em Portugal, uma oficina de experimentações artísticas utilizando invenções de palavras, e produções de poemas e colagens. Essa ideia partiu de experiências passadas que tive em diferentes momentos. Durante minha licenciatura em Artes Visuais estudei sobre o movimento dadaísta e fui seduzido pela receita de poema dadaísta de Tristán Tzara, que é a seguinte:

Pegue um jornal  
Pegue uma tesoura  
Escolha no jornal um artigo do tamanho  
que você deseja dar a seu poema  
Recorte o artigo  
Recorte em seguida com atenção algumas palavras  
que formam esse artigo e meta-as num saco  
Agite suavemente  
Tire em seguida cada pedaço, um após o outro.  
Copie conscienciosamente na ordem  
em que elas são tiradas do saco.  
O poema se parecerá com você.  
E ei-lo um escritor infinitamente original  
e de uma sensibilidade graciosa, ainda  
que incompreendido do público.

Essa receita desencadeou diversas atividades que desenvolvi ao longo de minhas experiências docentes e voltou a estar presente em minha proposta de oficina aqui em Portugal, não como uma receita para ser realizada, mas

como motivadora para a produção de poemas e palavras dissociadas de um sentido comum.

Outro evento passado que teve influência na oficina foi com a artista e professora brasileira Lucimar Bello que ofereceu em Goiânia, cidade onde vivi durante algum tempo, um workshop chamado Palavrarias Imagizantes. Nessa ocasião Lucimar propôs diversas atividades em torno da palavra. Inventamos novas palavras, produzimos textos com elas, roubamos palavras uns dos outros, sussurramos e gritamos as palavras inventadas e tivemos a oportunidade de uma visita guiada pela própria artista em sua exposição.

Com esses acontecimentos passados atravessados em meus modos de ser docente e de pensar a docência, dei início ao projeto de oficina de experimentações artísticas com a palavra, o poema e a colagem. Após ter um material produzido eu precisava de um espaço onde pudesse colocá-lo em prática e, sobretudo, pessoas interessadas em participar dessas atividades.

Uma série de encontros/abraços/atravessamentos iniciou a partir de um encontro com meu orientador, José Antônio Marques Moreira. Em certa ocasião, ele apresentou-me Ana Cristina Almeida, professora na Faculdade de Psicologia e Educação da Universidade de Coimbra. Mantivemos contato e nos encontramos algumas vezes para conversarmos sobre minha investigação. Em um desses encontros falei para a professora Ana Cristina sobre a oficina que pretendia desenvolver e ela começou a pensar em alguns contextos para sua realização.

Dias depois Ana Cristina apresentou-me Cláudia Seabra, professora de matemática na Escola de Hotelaria de Coimbra. Cláudia disponibilizou um espaço em suas aulas para que eu desenvolvesse minha oficina. Ela explicou-me que o grupo era formado por estudantes do curso de Culinária e Pastelaria, com idades entre 15 e 18 anos, que estavam passando por um momento triste com a perda de um colega que havia falecido e que alguns estudantes estavam com certas dificuldades em se relacionar e se expressar.

Não estava em meus planejamentos falar sobre culinária, hotelaria ou resolver problemas de relacionamento entre os estudantes, mas sabia que determinadas práticas poderiam colaborar em diferentes aspectos. Eu já havia esboçado as atividades pretendidas, o que fiz então foi além de proporcionar experimentações artísticas, buscar minimamente relacionar suas atividades dentro do curso de formação com aquilo que estavam vivenciando no momento de minha intervenção.

Os estudantes não esperavam por uma aula de artes visuais no período da disciplina de matemática em um curso técnico voltado à culinária. Por isso, em diversos momentos deixei claro ao grupo de que essa oficina não tinha intenção de ensinar arte e que as experimentações artísticas não iam necessariamente torná-los artistas, mas que tratava-se de

experimentar meios artísticos para explorar potencialidades inventivas em cada um.

No planejamento estava definido que seriam realizadas invenções de palavras e algumas atividades a partir delas, bem como a produção de um poema e posteriormente colagens. Como o tempo era menor do que o necessário, retirei a proposta de colagens e trabalhamos com diversas atividades utilizando as palavras que cada estudante inventou.

Meses depois a professora Cláudia convidou-me novamente para estar com outra turma na escola e, dessa vez, trabalhamos em dois encontros para conseguir desenvolver todos os exercícios, contando com as colagens. Foi mais uma vez um momento importante para perceber-me enquanto professor dentro de determinados desafios e de como cada experiência tem potencial atravessante em meus modos de ser.

Num período entre essas duas oficinas, combinei com a professora Ana Cristina de oportunizar as mesmas experimentações com um grupo de 26 estudantes de Psicologia da Universidade de Coimbra. Mais uma vez tive de acrescentar aos meus planejamentos pontos que conectassem o assunto aos estudantes em questão. Levei minhas ideias para os estudantes, falei sobre dadaísmo, propus as atividades com invenções de palavras, poemas e colagens, mas também aprendi algumas coisas no contexto da psicologia.

Realizei essa mesma oficina em quatro ocasiões diferentes, mas para falar da quarta, preciso voltar ao meu orientador José António e falar sobre um novo encontro. Em um dia inesperado, José António ligou-me muito animado para dizer-me que havia encontrado uma professora que trabalhava a partir de certas perspectivas próximas às minhas e no mesmo instante colocou-me em contato com ela.

Do outro lado da linha estava a professora Ângela Saldanha, que conversou comigo por alguns instantes e falou-me sobre um encontro da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (APECV) que estava para acontecer em Lisboa e que eu poderia encontrá-la nessa ocasião. Aceitei o convite e fui até Lisboa.

Nesse encontro, além de ouvir diversos professores e professoras contarem sobre suas experiências na educação das Artes Visuais, também tive oportunidade de conversar pessoalmente com Ângela e ser apresentado por ela para outras pessoas ligadas à APECV, inclusive à presidente da associação, Teresa Eça.

Teresa passou a convidar-me para os eventos da APECV realizados na Quinta da Cruz, em Viseu, tais como workshops e exposições. Em um workshop oferecido decidi ir para além de participar, conhecer o espaço e lançar minha proposta de oficina de experimentações artísticas. Ao falar da oficina

para Teresa, ela pediu que eu enviasse o projeto por e-mail e dias depois tudo já estava organizado.

Essa foi então a quarta oficina das quatro realizadas durante esse período. O grupo dessa vez era bem menor, composto por 10 profissionais ligados à Educação e às Artes Visuais. Todos se organizaram em volta de uma única mesa e compartilharam dos materiais disponibilizados pela APECV. Fizemos as ações previstas no projeto, mas também inseri algumas outras por perceber que o tempo passava em um ritmo diferente das oficinas anteriores, que contavam com um público maior e mais jovem.

Essa oficina desenvolvida em quatro ocasiões diferentes, permitiu-me produzir um material para a docência, viver a experiência docente e manter vivo meus modos de ser professor-artista em contato com os outros e com os espaços da educação e das artes visuais. Cada instante foi um momento para desaprender e reaprender outras noções do que é e do que pode ser um professor em espaço de oficinas ou workshops.

[...] a professoralidade não é uma identidade que um sujeito constrói ou assume ou incorporamos, de outro modo, é uma diferença que o sujeito produz em si. Vir a ser professor é vir a ser algo que não se vinha sendo, é diferir de si mesmo. E, no caso de ser uma diferença, não é a recorrência a um mesmo, a um modelo ou padrão. Por isso, a professoralidade não é, a meu ver, uma identidade: ela é uma diferença produzida no sujeito. E, como diferença, não pode ser um estado estável a que chegaria o sujeito. A professoralidade é um estado em risco de desequilíbrio permanente. Se for um estado estável, estagnado, redundaria numa identidade e o fluxo seria prejudicado. (Pereira, 2013, p. 35)

É essa impermanência nos modos de ser professor-artista que persigo e, por isso os constantes abraços, a necessidade de provocar sempre novos encontros e fazer desses encontros possibilidades de atravessamentos, para povoar minha docência, seja ela em contextos formais, não formais ou informais.

Nesse sentido, segui promovendo outros momentos que pudessem contribuir para essa constituição docente que também é artística e investigativa. Em um encontro com Ângela, na cidade do Porto, conversamos sobre minha investigação e sobre os caminhos metodológicos que estava tomando. Falei sobre minha vontade de estar com outros professores de Artes Visuais para conhecer seus modos de constituírem-se professores, suas maneiras de estar no mundo e seus posicionamentos acerca da docência em Artes Visuais. Ângela então sugeriu a realização de uma residência artística.

Fiquei muito interessado e empolgado com a chance de estar durante alguns dias em contato com diferentes pessoas, residindo em uma mesma casa, produzindo artisticamente, acompanhando as produções dos participantes e buscando perceber através de suas ações, suas constituições docentes e artísticas.

Contudo, surgiu um problema: onde realizaria uma residência artística se eu não tinha uma casa que suportasse receber pessoas para esse fim? Meu orientador sugeriu uma pensão que pertence a sua família, mas eu teria de pagar uma taxa por cada pessoa recebida. Como eu não poderia gastar muito dinheiro, tentei outras alternativas. Conversei com Teresa Eça sobre fazermos uma espécie de convivência artística na Quinta da Cruz, em Viseu. Não haveria possibilidade de residirmos lá, mas poderíamos marcar encontros para realizar atividades.

Acertamos datas e estabelecemos quatro sábados de semanas seguidas, durante o dia todo. Algum tempo depois fui convidado por Teresa a participar de uma reunião que teria em Coimbra para a realização do 30º Encontro da APECV. Nessa ocasião conversamos sobre minha proposta de Convivência artística na Quinta da Cruz e algumas pessoas que estavam presentes sugeriram que eu repensasse a dinâmica estabelecida, pois algumas delas gostariam de participar, porém não teriam disponibilidade para estar todos os sábados presentes.

Expliquei o motivo de transformar a residência artística em encontros semanais, por não disponibilizar de um espaço adequado e foi então que Isabel Trindade, também presente na reunião, ofereceu uma casa que pertence a sua família e que está localizada em Vila Chã do Monte, no distrito de Viseu. Aceitei a oferta e nesse mesmo momento definimos datas para a realização e as possíveis pessoas para participar.

Nos dias seguintes mantive contato com Isabel, que providenciou uma lista de pessoas interessadas em participar da residência e após confirmação de quem iria, começamos os preparativos. Trocamos e-mails com os participantes para combinar o que teriam de levar para a casa e o que ficaria por nossa conta.

A residência artística foi marcada para os dias 01, 02 e 03 de dezembro de 2017, começando numa sexta-feira de feriado e finalizando no domingo. Os participantes foram os seguintes: Ângela Saldanha, Ana Maria Garcia, Carmo Almeida, Célia Ferreira, Isabel Trindade, Paula Soares, Rui Alexandre e Teresa Eça que apesar de não ter residido na casa durante as ações, esteve presente em diversos momentos e produziu inclusive quando não estava lá.

Também produzi artisticamente, mas para além de produzir, essa era a oportunidade de ouvir, ver, prestar atenção nos eventos que estavam acontecendo naquele lugar específico, com aquelas pessoas específicas. Eram todos professores de Artes Visuais, deslocados das salas de aula e dos contextos educacionais, priorizando naquele recorte de tempo, suas produções artísticas.

Diferentemente das oficinas realizadas anteriormente, nessa residência meu posicionamento não era mais o de um proponente, que lança ideias e propõe atividades específicas, mas o de um espreitador, de alguém que usa seus sentidos para perceber aquilo que compõe o ambiente e aqueles que estão presentes nesse ambiente. E não somente isso, mas também assumindo uma posição participativa dentro de um espaço coletivo de discussões, aprendizagens e produções.

Embora todos estivéssemos voltados à produção artística e focados em nossos objetivos, conceitos, projetos e materiais, durante todo o processo estiveram presentes assuntos voltados à docência. Não por imposição, já que era de meu interesse saber mais a esse respeito, mas por uma simples constatação: todos que ali estavam, vivem a docência não somente dentro de sala de aula, mas incorporada às diversas práticas de seus cotidianos.

Com isso, pude perceber também a importância que essa residência artística teve na vida desses professores. Todos deslocaram-se de suas rotinas, de suas casas, suas famílias, suas escolas, para durante alguns dias estarem a produzir motivados pelo desejo da produção, sem necessariamente vincular a algo obrigatório, ou algo voltado para seus trabalhos nas escolas.

Nunes (2014, p. 394) assinala que “por vezes os professores se encontram tão imersos em seus lugares, em suas rotinas, arraigados em seus modos de pensar e mirar, que lhes custa explorar seus espaços desde outros prismas”. Isso ficou evidente nas falas dos participantes da residência ao falarem sobre a falta de tempo para dedicarem-se à produção artística e de como os compromissos com a escola ocupam suas vidas de tal modo que deixam de prestar atenção em coisas que estão fora desse espaço.

Pontuaram também que esses deslocamentos de suas rotinas são importantes para recuperar não só o fôlego, mas coisas perdidas ao longo do caminho, resgatar sensações adormecidas, reavivar memórias perdidas e trazer em primeiro plano o(a) produtor(a) de artes visuais e seus modos de subjetivação através do trabalho artístico.

Ao permitirem-se sair de seus territórios comuns, puderam voltar seus olhares para tais lugares, refletindo de fora, como é viver a vida dentro deles, com seus ritmos e suas diversas atividades e perceber coisas que de outro modo não ficariam tão claras.

Sair e aventurar-se, lançar-se num devir [...] Todo um movimento se desencadeia. Desencadeia-se porque favorável e porque acontece num momento preciso em que, e onde, não se sabe quem é o quê. “Seres de fuga” que traçam linhas e devêm criança. (Godinho, 2012, p. 50).

O devir criança, que Godinho (2012, p. 49) busca em Deleuze para tratar de “uma condição do exercício real do pensamento”, vem neste caso com o desejo de viver

a experiência, de desterritorializar-se para encontrar em um outro espaço conexões e afetos para continuar existindo e para refletir sobre o trajeto já percorrido.

Essa experiência também provocou nos participantes desejos de realizar mais vezes atividades como essa, de buscar ao longo do ano outros deslocamentos não somente territoriais, mas de ideias, crenças, modos de ser e de fazer as coisas. Pausas, respiros, retiradas, fugas, etc.

E para além da experiência individual, tivemos o movimento de partilhar ideias, de aprender com os outros, de contaminarmos uns aos outros com nossas produções e percepções e de fazer conexões inesperadas, tanto entre nós quanto com os objetos e os ambientes povoados durante esses dias. E neste ponto, volto minhas ponderações ao fio condutor dessa escrita, que é a ideia de encontro.

Esse encontro com pessoas diferentes em uma única casa, a partilhar os espaços, a comida, os materiais artísticos e as experiências, se desdobrou em diversas conexões para outros encontros, como por exemplo os espaços da aldeia em que estávamos, as visualidades locais, as memórias da casa, as memórias de cada um, seus olhares diferenciados sobre o mesmo objeto e suas ideias artísticas. Muito de tudo isso se refletiu nas produções artísticas realizadas.



Figuras 3, 4, 5 e 6: Imagens de trabalhos produzidos pelos artistas durante a residência. Arquivo pessoal do pesquisador.

O que produzi artisticamente durante os dias da residência, foram diversas montagens e colagens que participam de um projeto chamado Desbravamentos. Esse projeto também é resultado de um encontro. Ao conhecer André Halak, um brasileiro também a viver em Portugal, descobri que tínhamos alguns gostos em comum, como a vontade de desbravar o país, conhecer vilarejos, aldeias e cidades, a curiosidade e o interesse por lugares abandonados, suas histórias e memórias.

Iniciamos assim, várias incursões em lugares abandonados, casas, escolas, mosteiros e hotéis. No começo, era apenas a aventura e a curiosidade que nos impulsionavam, mas à medida em que fui sendo atravessado por essas visualidades, a vontade de tornar essas ações como parte de um projeto artístico foi aumentando, até que surgiu a ideia de recolher materiais abandonados nesses sítios.

Encontrei entre outras coisas, revistas antigas, livros, pratos de cerâmica, envelopes, cartas, fotografias, botões e roupas. Com um bom material em mãos, passei a observar as diferentes memórias deixadas em cada lugar e a pensar nas possibilidades de cruzamento dessas memórias para a invenção de novas narrativas.

Tenho desenvolvido desde então pequenas séries de trabalhos com colagens, desenhos, pinturas e bordados priorizando esses materiais de recolhidos e os vestígios de suas memórias. Os trabalhos produzidos durante a residência artística foram desdobrados em duas séries. Uma delas, intitulada “O mundo nas pontas dos dedos”, utilizou porta-selos feitos em pequenos retângulos de papel cartão com papel de seda a cobrir os espaços para colocar selos. Esse material foi encontrado em uma fábrica de papel abandonada. Utilizei também recortes de revistas encontradas em diferentes casas.



*Figuras 7, 8, 9 e 10: Imagens da série “O mundo na ponta dos dedos” Arquivo pessoal do pesquisador*

Em outra série trabalhei com um bloco de papeis de carta antigo, provavelmente dos anos de 1970, com colagens de papeis alumínio, encontrados em outra casa. A julgar pelo modo como estavam guardados, os papeis alumínio, que eram de embalagens de chocolates, faziam parte de uma coleção. Algumas pessoas que participaram da residência artística falaram que quando crianças também tinham o hábito de colecionar esses papeis. Trabalhei então a partir de memórias inventadas sobre a infância e resgate de memórias vividas utilizando recortes de frases e imagens de diferentes revistas.

Assim, finalizamos a residência artística com diversos trabalhos artísticos e projetos futuros. Por aqui também vou finalizando esta escrita que, embora breve, trouxe algumas experiências que apontam para aquilo que desejava chamar atenção, das relações dos diversos encontros com meus posicionamentos e dos desdobramentos para minha constituição docente.

#### **Para um fechamento com brechas**

Imagine uma esponja a ser mergulhada em água. Ela fica completamente encharcada, com todos seus poros inundados. Agora imagine-a sendo retirada da água. Muito líquido a escorrer e a esponja a ficar menos pesada. Porém, parte da água se mantém na esponja, fica retida nela até ser submersa novamente.

A água é tudo que encontramos em nossos caminhos e nós somos a esponja. Inundamo-nos em abraços, encontros, em momentos que são muito importantes para nossas vidas profissionais ou pessoais, e em momentos que são pequenos acontecimentos em nossas rotinas.



Figuras 11 e 12:  
Imagens da série  
"Coleção do tempo"  
Arquivo pessoal  
do pesquisador

Dos grandes aos pequenos eventos, todos tem potencial para nos encharcar por algum tempo e, tal como na esponja, esvaírem-se. Mas assim como na esponja, esses encontros com diferentes pessoas, lugares, ideias, sempre deixam um pouco para marcar nossa memória, para transformar algo em nós, para produzir desdobramentos e reverberações.

E em cada desdobramento, outros encontros se potencializam e fazem-nos criar redes de conexões provisórias ou permanentes, passageiras ou duradouras, sutís ou intensas, e não nos permitem de forma alguma, voltarmos àquilo que éramos antes delas. Somos sempre modificados pois estamos sempre em devir. Não há completude.

### Referências bibliográficas

Deleuze, G. & Parnet, C. (1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta.

Godinho, A. (2012). Devir rosto e abrir o pensamento. In: Dias, S.O; Marques, D.; Amorim, A.C. *Conexões: Deleuze e arte e ciência e acontecimento e...* Petrópolis: De Petrus; Brasília: CNPq/MCT; Campinas ALB.

Loponte, L. G. (2017). Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência. In: *Revista Brasileira de Educação*. V. 22, nº 69. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782017226922> Acessado em 12/10/2017

Nunes, A. (2014) Apontamentos sobre deslocamentos territoriais e suas ressonâncias na formação de professores. In: *Anais do 23º encontro da ANPAP – "Ecossistemas artísticos"*. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2014/ANAIS/Comit%C3%AAs/2%20EAV/Aline%20Nunes%20da%20Rosa.pdf> Acessado em: 13/01/2015

Orlandi, L. (2014). Um gosto pelos encontros. In: *Deleuze on line – International Deleuze Studies*. Disponível em <http://deleuze.tausendplateaus.de/wp-content/uploads/2014/10/Um-gosto-pelos-encontros-Artigo-de-Luiz-Orlandi1.pdf> Acessado em 10/01/2018

Pereira, M.V. (2013). *Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor*. Santa Maria: Ed. da UFSM.